

# A TENDA E O SIMULACRO: A FRONTEIRA ENTRE PROGRESSO E BARBÁRIE EM TENT LIFE IN SIBERIA, DE GEORGE KENNAN (1870)\*

THE TENT AND THE SIMULACRUM: THE FRONTIER BETWEEN PROGRESS AND  
BARBARISMO IN GEORGE KENNAN'S TENT LIFE IN SIBERIA (1870)

Nykollas Gabryel Oroczo Nunes\*\*

**Resumo:** Na década de 1860, George Kennan (1845 - 1924) fez parte de uma expedição para construção de uma linha telegráfica no nordeste russo. Alguns anos depois, em 1870, um livro em que contava suas experiências chegava ao mercado dos Estados Unidos. Com edições até os dias de hoje, *Tent Life in Siberia* foi um popular texto sobre aventura, masculinidade, natureza selvagem e extrema, que ajudou a formar uma visão a respeito deste território no pensamento ocidental. Este artigo debruça-se sobre duas passagens deste relato para explorar a relação de Kennan com sua posição dual de simultaneamente agente do progresso capitalista, e romântico em busca de aventura.

**Palavras-chave:** George Kennan; Modernidade; Fronteira.

**Abstract:** During the 1860s, George Kennan (1845 – 1924) was in the expedition towards the construction of a telegraph line in the Russian Northeast. A few years later, in 1870, a book which told his experiences arrived in the American Market. With reprintings up to the current age, *Tent Life in Siberia* was a popular text on adventure, masculinity, and extreme wilderness which helped in shaping the view on this territory in Western thought. This paper focuses on two excerpts from this travel narrative to explore Kennan's relation with his dual position as both an agent of capitalist progress, and an adventure seeking romantic.

**Keywords:** George Kennan; Modernity; Frontier.

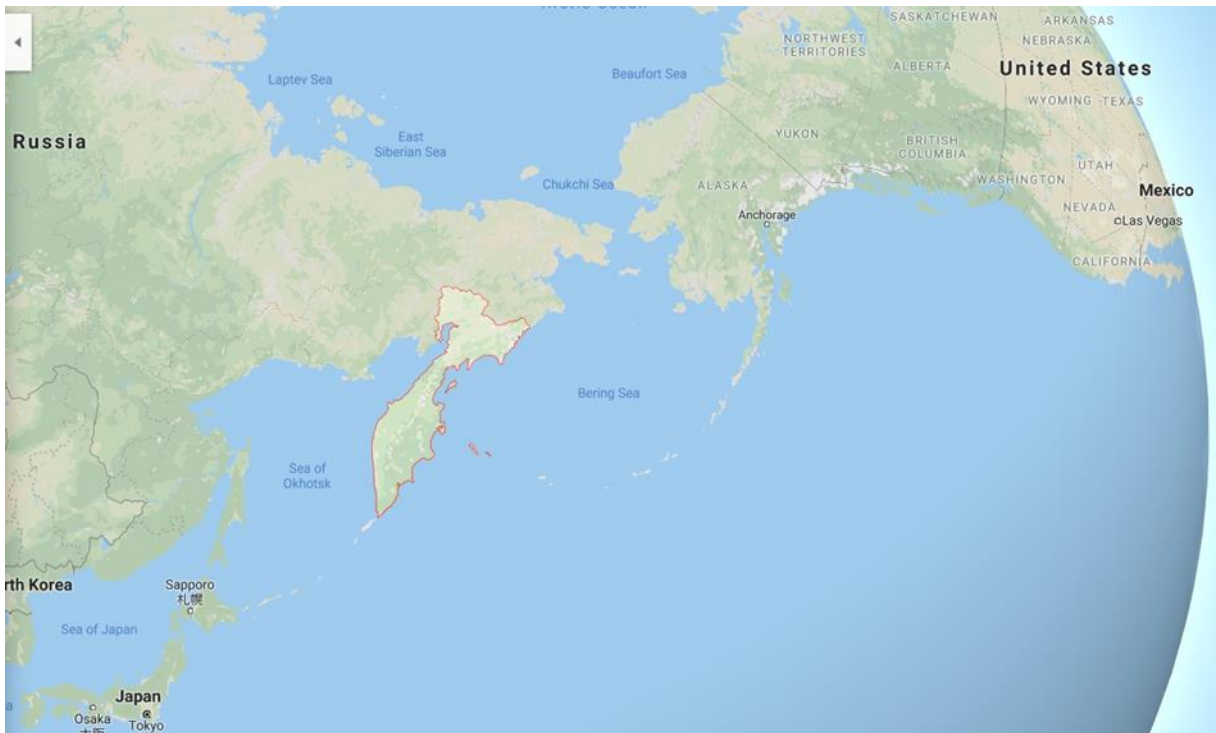
O presente estudo dedica-se a uma análise intensiva de duas passagens da obra *Tent Life in Siberia*, de George Kennan (1845 - 1924), as quais expõem características fundamentais da relação estabelecida pelo autor com a modernidade ao ver-se desafiado por um ambiente alheio a suas experiências ocidentais. Kamtchatka, uma península no extremo Leste russo, e os territórios a seu Norte onde se passa a narrativa, possuíam temperaturas extremas, populações nativas não-russificadas, colonos russos tentando se estabelecer, e iniciativas privadas e estatais ali investindo para incorporar a região aos domínios da civilização. Destaca-se nesta análise as maneiras como, inserido neste ambiente de fronteira, o escritor revelou perceber a modernidade, a amar, e - até certo ponto - mesmo a rejeitar em favor de um ideal de aventureiro.

---

\* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

\*\* Mestrando em história do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGH-PUCRS).

**Figura 1.** Localização da atual krai, ou província, de Kamtchatka, no Pacífico Norte.



**Fonte:** Google Maps. **Acesso em:** 06/05/2019.

*Tent Life in Siberia and adventures among the Koraks and other tribes in Kamtchatka and northern Asia* é um relato de viagem escrito pelo telegrafista, explorador, escritor, correspondente de guerra e jornalista estadunidense George Kennan. Publicado pela primeira vez em 1870, o livro versa sobre a atuação do autor na expedição do telégrafo russo-americano, um projeto que pretendia instalar uma linha telegráfica conectando a rede que partia de San Francisco àquela que chegava, da Rússia europeia, até a Sibéria - assim ligando os Estados Unidos à Europa.

A iniciativa nunca foi concluída, mas Kennan decidiu utilizar suas experiências como material para escrever um relato de viagem, que alcançou uma popularidade considerável, com uma série de reedições que continuam sendo publicadas até a atualidade. O explorador, contratado devido a sua experiência como telegrafista, foi parte da expedição responsável pela prospecção e preparação do território russo-asiático que receberia o telégrafo, assim informando ao leitor sobre a viabilidade do projeto. O foco de sua narrativa, entretanto, é menos técnico: está nas descrições de seus encontros ao longo da viagem com uma série de peculiares indivíduos estadunidenses, russos, kamtchadais, koriakos e de outras etnias nativas da região, bem como descreve seus deslumbres e embates com a natureza local.



Para explorar a maneira como a modernidade aparece na narrativa de Kennan, utiliza-se algumas noções a respeito da formação e das características da modernidade e da sua crítica como concebidas por Marshall Berman, Michael Löwy e Robert Sayre, e Alain Touraine - aplicando-as em particular a dois trechos emblemáticos selecionados da obra. Também foram importantes, neste sentido, contribuições de autores que tratam da oposição entre civilização e natureza, ou ainda entre aquela e *wilderness* - ou “território selvagem” - como Roderick Nash, William Cronon e Donald Worster. Algumas declarações a respeito da distância espacial percebida como temporal por parte do autor de *Tent Life in Siberia* também contribuem para me levar a explorar a obra de Doreen Massey como eixo analítico.

Este artigo divide-se em três momentos, além desta introdução: no primeiro são apresentadas as duas passagens selecionadas, destacando-se suas propriedades mais relevantes para a presente análise. Em seguida, com o leitor já familiarizado com os excertos em questão, passa-se a discuti-los passo a passo, confrontando-os com as contribuições dos historiadores mencionados. Finalmente, são expostas algumas considerações finais.<sup>2</sup>

## DUAS PASSAGENS

Em uma seção do capítulo XIX de seu *Tent Life in Siberia* referida no índice como “Existência monótona”, George Kennan descreve ao leitor o distanciamento e o marasmo que o assolaram ao passar um tempo prolongado com os koriakos nômades do noroeste siberiano. Segundo o autor:

To spend more than a week at one time with the Wandering Koraks without becoming lonesome or homesick, required an almost inexhaustible fertility of mental resource. One is thrown for entertainment entirely upon himself. No daily paper, with its fresh material for thought and discussion, comes to enliven the long blank evenings by the tent fire; no wars or rumors of wars, no *coup d'etat* of state diplomacy, no excitement of political canvass ever agitates the stagnant intellectual atmosphere of Korak existence. Removed to an infinite distance, both physically and intellectually, from all of the interests, ambitions, and excitements which make up our world, the Korak simply exists, like a human oyster, in the quiet waters of his monotonous life. An occasional birth or marriage, the sacrifice of a dog, or, on rare occasions, of a man to the Korak Ahriman, and the infrequent visits of a Russian trader, are the most prominent events in his history, from the cradle to the grave. I found

<sup>2</sup> A respeito das traduções e transliterações: todas as traduções do original em inglês de *Tent Life in Siberia* presentes neste artigo são minhas; os termos referentes a nomes de povos e etnias, “koryaks/koraks” e “kamtchadals/kamchadals”, foram adaptados na forma “koriakos” ou “kamtchadais”, por não possuírem tradução única e atualizada na língua portuguesa. Termos em russo retirados da obra de Kennan são apresentados assim como nesta aparecem na edição utilizada, impressa em 1881 pela Putnam & Sons, aqui adicionando-se o itálico. Finalmente, nomes de localidades também são apresentados assim como podem ser encontrados no original, mesmo que a transliteração do nome russo da localidade possua um correspondente contemporâneo mais apropriado.



it almost impossible sometimes to realize, as I sat by the fire in a Korak tent, that I was still in the modern world of railroads, telegraphs, and daily newspapers. I seemed to have been carried back by some enchantment through the long cycles of time, and made a dweller in the tents of Shem and Japheth. Not a suggestion was there in all our surroundings of the vaunted enlightenment and civilization of the nineteenth century, and as we gradually accustomed ourselves to the new and strange conditions of primitive barbarism, our recollections of a civilized life faded into the unreal imagery of a vivid dream.<sup>3</sup>

Kennan, ao descrever o tédio quase enlouquecedor de sua rotina nas tendas, ao redor do fogo, nos oferece vislumbres do que lhe faz falta: jornais diários, novos assuntos para discutir, agitação social. Mesmo guerras ou golpes de estado figuram entre aquilo que é preferível à existência de "ostra" daqueles que não apresentam a mesma pulsão do progresso e da mudança característicos da modernidade ocidental. A listagem trivial de sacrifícios humanos para "espíritos destrutivos" entre os enfadonhos eventos da vida koriaka parece proposital no sentido de apresentar mesmo estas situações absolutamente amorais para o autor sob a luz do tédio.

A conclusão da passagem, contudo, toma um outro rumo, ao começar a tratar da sensação de deslocamento espacial e *temporal* experimentada pelo autor. À menção bíblica às tendas dos filhos de Noé somam-se imagens de ilusões e sonhos, conferindo ao deslocamento um ar místico. Se Kennan declarava a dificuldade em perceber-se no "mundo moderno", ele constrói o cenário de "algum outro mundo", e ao exprimir dúvidas sobre a validade do esclarecimento e da civilização, sugere que alguém poderia acabar convencendo-se de que este era o mais real dos dois.

Avançando menos de quarenta páginas na obra, em meio ao capítulo XXIII encontramos um outro trecho que oferece ao leitor um contraste muito particular com aquele até então

---

<sup>3</sup> “Passar mais de uma semana por vez com os koriakos nômades sem sentir-se solitário ou com saudades de casa demandou uma quase inesgotável fertilidade de recursos mentais. Cada pessoa depende inteiramente de si mesma para se entreter. Nenhum jornal diário, com seu material fresco para a discussão e o pensamento, chega para avivar as longas e vazias noites ao redor do fogo das tendas; nenhuma guerra ou rumores de guerras, nenhum golpe de estado, nenhuma agitação de disputa política jamais agita a estagnada atmosfera intelectual da existência koriaka. Separado por uma distância infinita, tanto física quanto intelectualmente, de todos os interesses, ambições e excitações que formam nosso mundo, o koriako simplesmente existe, como uma ostra humana, nas calmas águas de sua vida monótona. Um nascimento ou casamento ocasionais, o sacrifício de um cão, ou, em raras ocasiões, de um homem ao arimã koriako, e as infrequentes visitas de um mercador russo, são os mais proeminentes eventos na sua história, do berço ao túmulo. Para mim foi quase impossível perceber, às vezes, enquanto eu me sentava perto do fogo em uma tenda koriaka, que eu ainda estava no mundo moderno das ferrovias, telégrafos e jornais diários. Eu parecia ter sido levado por algum encantamento de volta pelos longos ciclos do tempo, e transformado em um morador das tendas de Shem e Japheth. Nada ao nosso redor dava qualquer sugestão do proclamado esclarecimento e civilização do século dezenove, e à medida que nós gradualmente nos acostumávamos às novas e estranhas condições de barbarismo primitivo, nossas lembranças de uma vida civilizada desvaneciam na imagem ilusória de um sonho vívido.” KENNAN, George. *Tent Life in Siberia and adventures among the Koraks and other tribes in Kamtchatka and northern Asia*. Nova Iorque: Putnam & Sons, 1881, p. 205.



apresentado, o qual se encontra entre as seções referidas no índice como “Geezhega” e “O Governador e sua Hospitalidade”. Kennan, seguindo sua narrativa, havia chegado ao assentamento russo de Geezhega, e expressava um contentamento que declarou incompreensível em voltar à “civilização”:

No one who has not travelled for three long months through a wilderness like Kamtchatka, camped out in storms among desolate mountains, slept for three weeks in the smoky tents, and yet smokier and dirtier yourts of the Koraks, and lived altogether like a perfect savage and barbarian — no one who has not experienced this can possibly understand with what joyful hearts we welcomed that red church steeple, and the civilization of which it was the sign.<sup>4</sup>

A importância desta passagem está, principalmente, no tom amplamente negativo associado ao tempo passado longe da civilização – as montanhas, em outro momento descritas longamente em seu esplendor, são *desolate*, as agradáveis noites de acampamento são omitidas em favor daquelas sob tempestades, a fumaça e a sujeira são todo o registro sensorial que resta das tendas koriakas. Agora, em contraste direto com a civilização de Geezhega (o símbolo para esta ser o campanário de uma igreja também não é coincidência, tendo em vista a tradição cristã de embate contra a natureza), “o barbarismo e a selvageria” parecem despir-se de seus charmes, restando apenas a dura batalha pela sobrevivência.

Nesta nova localidade, o narrador encontra-se com o governador russo (*ispravnik*) da região, que o convida para um jantar. Ele se banha e retorna à casa de seu anfitrião com o rosto barbeado e as botas polidas, vestido com uma camisa engomada e um casaco azul adornado com botões e dragonas. Com esta nova aparência, o explorador declara-se metamorfoseado: “*No one would have recognized in us the dirty, smoky, ragged vagabonds who had entered the village two hours before. The grubs had developed into blue and golden butterflies!*”<sup>5</sup>

O trecho que desejo contrastar àquele das tendas dos koriakos, entretanto, vem logo a seguir, após esta metamorfose exterior completar-se e após a euforia do retorno à civilização ter se atenuado. Kennan passa descrever o jantar organizado pelo governador, os pratos

---

<sup>4</sup> “Ninguém que não tenha viajado por três longos meses por um território selvagem como Kamtchatka, acampado sob tempestades entre montanhas desoladas, dormido por três semanas em tendas enfumaçadas, e yourts koriakos ainda mais enfumaçados e sujos, e vivido no geral como um perfeito selvagem e bárbaro - ninguém que não tenha experimentado isso pode de alguma forma entender com quais corações alegres nós recebemos aquele campanário vermelho de igreja, e a civilização da qual ele era o sinal.” KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 240-241.

<sup>5</sup> “Ninguém teria reconhecido em nós os vagabundos sujos, enfumaçados e esfarrapados que haviam adentrado o vilarejo duas horas atrás. As lagartas haviam se transformado em borboletas azuis e douradas!” KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 243.



servidos, e as suas maneiras à mesa, e então reflete, em seus próprios termos, sobre este contraste entre civilização e barbárie que está sendo analisado:

Yesterday we sat on the ground in a Korak tent and ate reindeer-meat out of a wooden trough with our fingers, and today we dined with the Russian Governor, in a luxurious house, upon venison cutlets, plum pudding, and champagne. With the exception of a noticeable but restrained inclination on the part of Dodd and myself to curl up our legs and sit on the floor, there was nothing I believe in our behavior to betray the barbarous freedom of the life which we had so recently lived, and the demoralizing character of the influences to which we had been subjected. We handled our knives and forks, and leisurely sipped our champagne with a grace which would have excited the envy of Lord Chesterfield himself. But it was hard work. No sooner did we return to our quarters than we threw off our uniform coats, spread our bearskins on the floor, and sat down upon them with crossed legs, to enjoy a comfortable smoke in the good old free-and-easy style. If our faces had only been just a little dirty we should have been perfectly happy!<sup>6</sup>

O contraste das condições materiais encontradas na "selvageria" e na "civilização" é o primeiro a ser mencionado, talvez o mais impactante para o próprio autor - contrastados com a champagne, a mansão e o governador, transparece um ar de deboche pela carne de rena e pelo koriako que a oferece em sua tenda. Mas este deboche dá lugar muito rapidamente a outro sentimento, uma espécie de orgulho - Kennan e seu companheiro resistiram às influências desmoralizantes da selvageria, assim demonstraram que a haviam conquistado. Portar-se como cavalheiros no jantar, especialmente se isto se mostrar trabalhoso, difícil, é declarar-se independente das influências da natureza de uma maneira que, nesta visão, o "selvagem" jamais poderia ser.<sup>7</sup> Vencida esta batalha interior, completada a prova da civilização, o explorador pode entregar-se aos prazeres da "liberdade bárbara" em seus aposentos, sem medo de sucumbir a eles por inteiro.

---

<sup>6</sup>“Ontem nós nos sentamos no chão em uma tenda koriaka e comemos carne de rena de uma gamela de madeira com nossos dedos, e hoje nós jantamos com o governador russo, em uma casa luxuosa, costeletas de veado, pudim de ameixas e champagne. Com a exceção de uma perceptível, mas contida, inclinação da minha parte e da de Dodd de enrolar nossas pernas e sentar no chão, não havia nada, eu acredito, no nosso comportamento que acusasse a liberdade bárbara da vida que nós até tão recentemente havíamos vivido, e o caráter desmoralizante das influências às quais havíamos sido sujeitados. Nós manuseamos nossas facas e garfos, e calmamente sorvemos nossa champagne com uma graça que teria incitado inveja no próprio lorde Chesterfield. Mas foi trabalho duro. Assim que nós retornamos aos nossos aposentos, nós removemos nossos casacos de uniforme, esticamos nossas peles de urso no chão, e sentamos sobre elas com as pernas cruzadas, para apreciarmos um confortável fumo no bom e velho estilo livre e despreocupado. Se nossos rostos pelo menos estivessem um pouco sujos nós teríamos estado em perfeita felicidade!” KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 244-245. “Lord Chesterfield” refere-se a Philip Stanhope, Conde de Chesterfield, mais conhecido pelas suas indicações, em cartas a seu filho publicadas postumamente, de como se portar adequadamente, de maneira a ser considerado um cavalheiro.

<sup>7</sup> WORSTER, Donald. *Nature's Economy: a history of ecological ideas*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 73.





## A TENDA E O SIMULACRO

Na primeira das passagens selecionadas, aquilo que compõe a essência do mundo moderno para Kennan parece explícito, uma vez que o autor utiliza precisamente tal expressão, bem como “nosso mundo”, ou o “século XIX”. Elementos do desenvolvimento técnico aparecem - estradas de ferro, telégrafos e jornais diários; também aponta-se aspectos relacionados à organização estatal das sociedades em embate - guerras, golpes de estado e discussões de natureza política. Também significativas são as menções que indicam um sentimento de constante mudança, ou novidade - a dupla referência aos jornais é aqui destacada, bem como os “interesses, ambições e agitações”. Trata-se de um outro mundo, em expansão e em contraste com aquele das fronteiras do Império Russo.

Tem-se, então, um quadro geral dos elementos que compõem a modernidade como percebida pelo autor - progresso técnico, convulsão social e agitação mental. Ao formular conceitos sobre a modernidade, pesquisadores por vezes dão ênfases diferenciadas a cada um destes aspectos, por outras os subordinam a outros tidos como mais importantes. Marshall Berman dá início a seu estudo sobre o fenômeno, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, caracterizando a modernidade como um “tipo de experiência vital” compartilhado por todos na atualidade, que envolve a promessa de “aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor”<sup>8</sup>.

A esta promessa Berman contrapõe uma ameaça, também moderna, de destruição de tudo que conforma nossa vida e nosso mundo; mas enquanto as promessas certamente podem ser encontradas no texto de Kennan, tal ameaça é menos relevante. A expedição da qual o explorador participou era um braço da própria modernização, e este estava convencido de que seus frutos seriam benditos. Há menções ao longo do livro de “raças”, como os kamtchadais, que estariam se aproximando de sua extinção, sendo assoladas por fomes e epidemias e perdendo seus costumes ao serem russificadas.<sup>9</sup>

O “discurso de extinção”, como denominado por Patrick Brantlinger, era praticamente universal no Ocidente do século XIX. Desde os últimos anos do século anterior, uma enorme quantidade de escritos neste tom foi produzida. Desde humanitários e cientistas, passando por jornalistas e poetas, até oficiais do governo e colonizadores; fossem quais fossem suas opiniões a respeito do que estas extinções significavam ou o quanto elas impactavam negativa ou

<sup>8</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15.

<sup>9</sup> KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 64-65.



positivamente o mundo, parecia haver uma unanimidade: estes desaparecimentos das raças não-brancas nas fronteiras onde a civilização as encontrasse eram inevitáveis.<sup>10</sup>

Quanto a Kennan e sua constatação a respeito da eminente ruína que previa para os kamtchadais, não há qualquer sinal claro de melancolia - o mundo, para o escritor, perderia um aspecto de seu exotismo, mas apenas isto. A humanidade certamente não sentiria seu desaparecimento como uma perda: são as consequências lógicas do progresso. A relação do explorador com o avanço da linha telegráfica sobre o território não-ocidentalizado, a fronteira, ao ser pensada pelo prisma de seu anseio pelo retorno ao “mundo dos telégrafos e das estradas de ferro”, de sua comparação dos koriakos com “ostras humanas”, não apresenta em cores trágicas o destino percebido para os kamtchadais.

A ostra humana apenas filtrando as águas de um tempo cíclico como a maré dificilmente poderia ser uma analogia mais forte para a percepção de Kennan de sociedades não contempladas por seu paradigma de modernidade. Não há nelas aquilo que Alain Touraine chama de uma “vontade” de criar o novo e o moderno, uma busca pelo progresso,<sup>11</sup> e assim parece ao observador ocidental que lhes falta algo. Falta uma iniciativa transformadora pois simplesmente existir não é suficiente - a monotonia da ostra humana é opressiva por contrastar com o impulso como que fáustico de modernização. Berman identifica no Fausto que observa a energia das ondas literais do mar uma angústia com a estagnação análoga àquela que Kennan observa nas ondas figurativas que descreve. Fausto decide mover o próprio mundo, enquanto Kennan anseia por deixar as tendas e voltar a fazê-lo.<sup>12</sup>

Pode-se ler Kennan como conscientemente interessado na “moção do mundo” precisamente pela compreensão da modernidade que esboça, que tanto aproxima os elementos do mundo moderno pelos quais anseia com a interconexão global que imagina que seria propiciada pelo próprio projeto do telégrafo russo-americano do qual faz parte. Não apenas a menção explícita de “telégrafos” como um dos objetos de sua nostalgia é relevante aqui, mas os jornais diários e a rapidez de comunicação por estes proporcionada, as notícias de toda parte que, lidas nestes jornais, dão origem a discussões instigantes - os componentes escolhidos para organizar este quadro da modernidade confluem em torno do campo das comunicações.

<sup>10</sup> BRANTLINGER, Patrick. *Dark Vanishings: Discourse on the Extinction of Primitive Races, 1800-1930*. Ithaca: Cornell University Press, 2003, Introdução.

<sup>11</sup> TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 69.

<sup>12</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p. 61-62.





Quando Berman analisa as múltiplas fontes que alimentam o que chama de “turbilhão da vida moderna” os sistemas de comunicação de massa figuram em sua gama de aspectos destacados como “dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades”<sup>13</sup>. Outras dimensões acentuadas são aquelas das grandes descobertas nas ciências, da industrialização da produção, da explosão demográfica, do crescimento urbano, da estruturação dos Estados nacionais, e dos movimentos sociais de massas e de nações. Nenhuma destas, entretanto, parece tão relevante para Kennan quanto a da comunicação - *ficar sabendo* das mudanças do mundo e *poder discuti-las* constitui para ele o caráter mais apaixonante da modernidade. O escritor assim nos sugeria simultaneamente a relevância, a nobreza de seu empreendimento como explorador encarregado de uma linha telegráfica e sua própria importância enquanto agente disseminador das informações contidas em seu livro, seus artigos e palestras sobre lugares distantes e culturas desconhecidas.

A concepção de modernidade apresentada por Löwy e Sayre em seu *Revolta e Melancolia*, por sua vez, destaca o papel central do capitalismo em sua conceituação. Este, “enquanto modo e relações de produção é o principal unificador e gerador” da totalidade da modernidade - tal conjunto constitui um “todo complexo de múltiplas facetas” (*Gesamtkomplex*) que concentra em seu núcleo aspectos como a industrialização, o desenvolvimento científico e tecnológico, a hegemonia do mercado, a propriedade privada dos meios de produção, divisão do trabalho, reprodução do capital e o trabalho assalariado. Em torno de tal núcleo desenvolvem-se fenômenos como a racionalização, a burocratização, a urbanização, a secularização e a reificação, associados à civilização.<sup>14</sup>

À faceta do avanço das comunicações do ocidente moderno não é dedicada menção específica neste momento da conceituação. Mais focado nas matrizes do pensamento moderno (e em suas críticas) como organizadas por “grandes” intelectuais, Touraine também não lhe dá destaque, associando a modernidade primariamente a seus dois pólos, compreendidos como a racionalização e a subjetivação.<sup>15</sup> Esta insistência na ênfase dada por Kennan para tal aspecto pode parecer infrutífera, fruto de uma mera especificidade deste escritor, mas outras

<sup>13</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p. 16.

<sup>14</sup> LÖWY, Michael, SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: O romantismo na contramão da modernidade*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 40.

<sup>15</sup> TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*, 1994, p. 67.



textualidades contemporâneas indicam o contrário. Saliento aqui uma pintura produzida por John Gast apenas dois anos após o lançamento de *Tent Life in Siberia - American Progress*:

**Figura 2.** *American Progress*, de John Gast.



**Fonte:** Wikimedia Commons. **Acesso em:** 06/05/2019.

Observa-se nesta pintura a marcha para o Oeste, a conquista da fronteira selvagem norte-americana. O jogo de luzes coloca sombras sinistras sobre as montanhas, as feras e os indígenas na esquerda - no Oeste - da figura central. Ela, o progresso, feminina, quase angelical em seu drapeado branco, é acompanhada de pioneiros e caravanas, traz consigo a luz, pioneiros, solo arado. O porto movimentado na direita é colocado em simetria às montanhas obscuras, as locomotivas e estradas de ferro aos bisões e aos indígenas - as únicas figuras olhando para traz. Contudo, em meio a toda essa profusão imagética, o progresso carrega em suas mãos apenas dois objetos: um livro escolar e um cabo telegráfico, que vem trazendo desde sua origem. De todas as possíveis ações destinadas à própria antropomorfização do progresso, o ensino e o estabelecimento da rede de comunicações são as escolhidas.



Retornando a Löwy e Sayre, em outro momento de sua caracterização da modernidade, os autores utilizam-se de Max Weber para apontar quatro características da modernidade “inseparáveis do aparecimento do ‘espírito do capitalismo’” - o espírito de cálculo, o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental e a dominação burocrática.<sup>16</sup> Destas, a mais relevante para a presente análise parece ser o “desencantamento do mundo”. Há um caráter místico-hipnótico no efeito que a estadia nas tendas tem sobre Kennan, o qual confere ao “mundo além das fronteiras da civilização”, pontuado por sacrifícios a espíritos destrutivos e espaços bíblicos, um aspecto *encantado*. Outras passagens do livro, como descrições de paisagens remotas onde miragens remetem o explorador às obras de Shakespeare (“*the vast tremulous outlines of the mirage still confronted him in their unearthly beauty, and the "cloud-capped towers and gorgeous palaces" seemed, by their mysterious solemnity, to rebuke the doubt which would ascribe them to a dream*”<sup>17</sup>) e Walter Scott (“*The wand of the Northern Enchanter touched the barren snowy steppe, and it suddenly became a blue, tropical lake, upon whose distant shore rose the walls, domes, and slender minarets of a vast oriental city*”<sup>18</sup>), ou aos portões do paraíso (“*The bright apparition faded, glowed, and faded again into indistinctness, and from its ruins rose two colossal pillars sculptured from rose quartz, which gradually united their capitals and formed a Titanic arch like the grand portal of heaven*”<sup>19</sup>), corroboram a interpretação de que, afastado de seus referenciais modernos, ele percebia-se em um mundo fantástico, ou mesmo sacralizado.

O interesse de Kennan neste mundo, entretanto, parece resumir-se a conhecê-lo, tê-lo em suas memórias, e apresentá-lo a seus leitores. Não há uma pretensão de preservar o mundo mágico do interior siberiano, nem de confinar-se a ele, pois seu desaparecimento não seria uma perda. Neste sentido, caso se pretendesse associar este simples desejo de *conectar-se* a esta realidade como romântico, seria necessário distorcer aquele conceito do romantismo “na

<sup>16</sup> LÖWY, Michael, SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia*, p. 39.

<sup>17</sup> “os vastos e trêmulos contornos da miragem ainda confrontados em sua beleza sobrenatural, e as ‘torres cobertas de nuvens e palácios deslumbrantes’ pareciam, em sua solenidade misteriosa, repreender a dúvida que as atribuiria a um sonho”. KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 254. O trecho “cloud-capped towers and gorgeous palaces” é uma referência à peça “A Tempestade”, de Shakespeare.

<sup>18</sup> “A varinha do Mago do Norte tocou a estéril estepe nevada, e ela subitamente se tornou um lago azul, tropical, sobre cuja margem distante se ergueram as muralhas, abóbadas e finos minaretes de uma vasta cidade oriental”. KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 254. Walter Scott (1771-1832), poeta e romancista escocês, alcançou grande fama ainda em vida. Associado ao romantismo, sua obra de certa forma tornou-se um ícone para a imaginação criativa no século XIX, expressões referindo-se a algo como tendo sido tocado pela “varinha do mago do norte” aludiam aos escritos de Scott e sua capacidade de encantamento.

<sup>19</sup> “A aparição resplandecente desvaneceu-se, brilhou, e desvaneceu de novo em indistinção, e de suas ruínas ergueram-se dois colossais pilares esculpidos em quartzo rosa, que gradualmente uniram seus topos e formaram um Titânico arco como o grande portal do paraíso”. KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 254.



contracorrente da modernidade”, como colocado por Löwy e Sayre. Roderick Nash aponta uma disposição romântica em meados do século XIX, com relação a “territórios selvagens” (*wilderness*), que poderia simplesmente reduzir-se à apreciação destes locais em fugas temporárias dos vícios, das ansiedades e das amarras da civilização.<sup>20</sup>

Sob uma definição de romantismo abarcada por esta “disposição”, seria possível caracterizar *Tent Life in Siberia* como um texto em muitos momentos romântico - especialmente levando-se em consideração a trajetória de vida do autor, segundo a análise do historiador Frederick Travis marcada por embates físicos e psicológicos contra a vida e o trabalho urbanos. Longas horas trabalhando em postos de telégrafo sem possibilidade de “comunhão com a natureza” teriam sido responsáveis por uma grave deterioração de sua saúde e por dúvidas a respeito de sua masculinidade.<sup>21</sup>

Ainda assim, tais apreciações românticas não mudam a posição de Kennan na “vanguarda do capitalismo”. Ele apresenta-se como um expoente não do romantismo, mas sim da própria modernidade; cuja *faceta* mais romântica identifica-se e busca o contato com o mundo externo à modernidade, da natureza sacralizada e da profanidade pagã. Esta contradição interna perceptível no texto e no trabalho do explorador - admirar o cenário primitivo e a virilidade de quem o conquista, mas querer domesticá-lo e torná-lo útil e civilizado - não é de todo surpreendente se considerarmos uma característica do romantismo de Löwy e Sayre ausente no texto de *Tent Life in Siberia*. Frente ao enfraquecimento da potência e dos valores primitivos pela vida em civilização, Kennan não vê necessidade de revolta ou melancolia - basta partir para a fronteira e revivê-los. O acesso direto a este “passado perdido” dos românticos parecia possível, e inclusive inevitável, considerando-se a missão da modernidade para si mesma.

Touraine discorre sobre como a ruptura do mundo sagrado e mágico operada pela modernidade acaba por "deixar o lugar livre a um mundo moderno governado pela razão e pelo interesse, que seria acima de tudo um único mundo, sem sombras e sem mistérios, o mundo da ciência e da ação instrumental"<sup>22</sup>. Esta Terra una e desvelada, por sua vez, parece uma noção que exige o toque da racionalidade ocidental, da ciência e da técnica sobre todos os cantos do globo, inclusive Kamtchatka e seus arredores siberianos. Estas regiões, é claro, assim como o

<sup>20</sup> NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. Fifth Edition. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 60-61.

<sup>21</sup> TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 7.

<sup>22</sup> TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*, p. 46.



Oeste norte-americano, não eram desocupadas e tampouco sem suas lógicas próprias, daí que deste encontro surge um problema de espaço crucial para o estadunidense no século XIX.

A própria natureza da viagem de Kennan, as distâncias percorridas, a paisagem e a descrição da materialidade de sua experiência não deixam de informar ao leitor a espacialidade da sua situação nas tendas dos koriakos. A separação “física” deste povo com relação ao “mundo moderno” refere-se precisamente a tais distâncias. Contudo, o próprio adjetivo “moderno” não pode ser ignorado, corresponde precisamente a uma posição no eixo - temporal - que vai da tradição à modernidade, pela qual o pensamento historicista do século XIX define a natureza de um fenômeno.<sup>23</sup>

Esta substituição do espaço pelo tempo é problemática, como adverte Doreen Massey em seu *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. O livro, como o título sugere, funciona como um manifesto em favor de uma reflexão e uma nova abordagem a respeito de das categorias espaciais, identificadas como concebidas de uma maneira essencialmente problemática devido, em parte (“às vezes”, segundo a autora), à sua despriorização com relação às temporais pelo pensamento ocidental moderno.<sup>24</sup>

Uma das situações em que se observa tal concepção primariamente temporal do espaço em atuação é aquilo que Massey chama de uma “manobra característica da modernidade”, na qual “a diferença espacial era concebida em termos de seqüência temporal”<sup>25</sup>. Sociedades distintas não são “diferentes”, só estão “atrasadas” com relação ao avanço, ou progresso, do ocidente. Quando Massey traz Johannes Fabian à discussão são mencionados observadores que colocam os observados em temporalidades diferente das suas; o colonialismo é apontado como faceta fundamental do processo de construção desta “cosmologia política”; e há ao mesmo tempo um aumento da distância (agora tanto espacial como temporal) como uma redução do desafio da diferença (facilitado se imaginado nesta seqüência temporal).

O que observa-se na alegoria bíblica de Kennan apresentada é uma instância peculiar de uso deste tipo de manobra. Em primeiro lugar, concepções baseadas na raça como fator determinante da cultura, da moralidade e do potencial de um povo permeiam *Tent Life in Siberia*, de modo que não se pode dizer que para o autor as sociedades de koriakos que ele

<sup>23</sup> TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*, p. 70.

<sup>24</sup> MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: Uma nova política da espacialidade*. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. São Paulo: Bertrand Brasil, 2009, p. 41.

<sup>25</sup> MASSEY, Doreen. *Pelo espaço*, p. 107.





descreve são “apenas atrasadas”. É possível ilustrar tais concepções racializantes incorporando algumas outras passagens do livro à análise.

No trecho em que Kennan descreve pela primeira vez os koriakos nômades, o autor primeiro informa ao leitor que suas feições faciais indicam um parentesco evidente com os indígenas norte-americanos, mas indica que a similitude não ia muito além disto - os koriakos tinham expressões honestas que não eram características dos “nossos aborígenes do oeste”, o que o grupo do explorador tomou instintivamente como garantia de boas intenções.<sup>26</sup> O autor também demonstra, em uma passagem com intenções cômicas referindo-se a seu estado após esbarrar em uma série de portas baixas, dominar até certo ponto conhecimentos a respeito dos estudos de frenologia:

the Major and I, during the first two weeks of our journey, bore upon the fore parts of our heads, bumps whose extraordinary size and irregularity of development would have puzzled even Spurzheim and Gall. If the abnormal enlargement of the bumps had only been accompanied by a corresponding enlargement of the respective faculties, there would have been some compensation for this disfiguration of our heads<sup>27</sup>

O tom de zombaria, embora possa indicar descrédito quanto ao campo, não o faz senão de maneira fraca: o escritor é sarcástico ou simplesmente jocoso com muita frequência ao longo da trama, além de fazer outras menções, mais sérias, a respeito de ligações percebidas entre feições faciais e caráter. O capítulo XXIX do livro, ainda, contém uma longa descrição classificatória das *raças* que Kennan identifica durante sua viagem, abrangendo características físicas e comportamentais - “facilmente governados e facilmente influenciados”, “bravos e independentes selvagens” - a cada um dos grupos mencionados.<sup>28</sup>

Assim, uma preocupação de Massey durante sua exposição a respeito desta manobra (que através dela as diferenças são reduzidas) é facilmente contornada por visões racializantes como estas do explorador - embora de uma maneira hoje de todo insatisfatória. Mesmo que fosse possível para Kennan que tais grupos “alcançassem o estágio ocidental de desenvolvimento”, a sociedade que viriam a compor seria povoada por indivíduos de caráter immanentemente diferente dos ocidentais.

<sup>26</sup> KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 171.

<sup>27</sup> “o major e eu, durante as duas primeiras semanas de nossa jornada, carregamos nas partes dianteiras de nossas cabeças, calombos cujo extraordinário tamanho e irregularidade de desenvolvimento teriam desorientado mesmo Spurzheim e Gall. Se o aumento anormal dos calombos tivesse ao menos sido acompanhado por um aumento correspondente das respectivas faculdades, teria havido alguma compensação por esta desfiguração de nossas cabeças”. KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 69.

<sup>28</sup> KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 321-326.





Em segundo lugar, se Massey afirma que há um aumento das distâncias pela inclusão do eixo temporal na caracterização, é possível argumentar que na maneira como Kennan concebe tal separação este aumento é exponencial. O ambiente e o modo de vida koriakos não remetem a um tempo apenas pré-moderno, ou mesmo pré-histórico. A referência temporal é místico-religiosa - na Bíblia, as “tendas de Shem e Japheth”, filhos de Noé, são os lugares de algumas das primeiras congregações humanas pós-diluvianas. A alegoria empregada pelo escritor relaciona suas experiências - e a totalidade da vida de seus anfitriões - com as dos “primeiros homens” em um passado mitológico da reconstrução da humanidade.

O pensamento científico e da “vanguarda do progresso”, à época do explorador, vinha aplicando às sociedades princípios evolucionistas darwinianos, preocupando-se vigorosamente em assegurar o triunfo da civilização sobre a barbárie, ao mesmo tempo em que surgia a antropologia para estudar as origens da humanidade a partir de povos “primitivos”.<sup>29</sup> Estas características da ciência da época, contudo, parecem ausentes neste trecho. Elas transbordam para o texto de Kennan em outros momentos, ao elencar as raças que encontrou ou caracterizar um povo como plenamente selvagem, mas esta experiência nas tendas parece distanciar-se do âmbito da ciência, impactando-o com uma aura de misticismo religioso.

Por último, destaca-se este aspecto da narrativa referente à vida dos koriakos e à experiência do autor. Kennan certamente conforma aquela característica da manobra apontada por Massey (e Fabian) referente à alocação de uma outra temporalidade para o observado; no entanto, nesta passagem de *Tent Life in Siberia* é descrita uma certa absorção do autor nesta temporalidade. Em meio aos koriakos e “distante da civilização”, Kennan afirmou sentir-se transportado para outro tempo, não apenas observá-lo com olhos técnico-científicos. Descreveu um sentimento de perda, ao que suas memórias pareciam abandonar sua mente racional em meio à fumaça das tendas para assumirem um caráter onírico. Mesmo a força, a iminência e a universalidade do processo de modernização são contestados brevemente por esta experiência esotérica de isolamento, quando o observador adiciona o adjetivo “proclamados” ao esclarecimento e à civilização do século XIX. Com o constrangimento evitado no jantar do governador, algumas dúzias de páginas adiante, o autor sugere a existência de um perigo real de “se perder” ao não ser capaz de recobrar sua identidade civilizada.

Kennan apresenta aqui uma instância do confronto entre civilização e *wilderness* constituinte do pensamento de fronteira do estadunidense pioneiro da conquista do Oeste,

<sup>29</sup> WORSTER, Donald. *Nature's Economy*, p. 170-173.



embora estivesse em solo estrangeiro. Compartilhando da idealização do progresso de seus contemporâneos, o telegrafista também enxergava a domesticação do “território selvagem”, sua conversão em área útil, como uma batalha a ser travada em nome da civilização, uma batalha na qual a influência desmoralizante da *wilderness* é um inimigo tão perigoso quanto tempestades ou bestas selvagens.<sup>30</sup>

Tais perigos conferem uma outra dimensão aos eventos narrados em Geezhega: o despir-se dos uniformes e o “retorno à barbárie” com as peles de urso e o abandono da etiqueta dão-se no ambiente controlado dos aconchegantes aposentos do vilarejo. Kennan anseia por *um pouco* de sujeira em sua face. De maneira alguma há nesta passagem uma contradição com o tremendo alívio e anseio que descreve ter sentido ao se aproximar da cidade. A “crítica moderna da modernidade”<sup>31</sup> faz-se aqui perceber, embora sempre com a timidez já mencionada - a “coisa preciosa” que “foi perdida” para Löwy e Sayre, desponta em *Tent Life in Siberia* como uma liberdade primordial, uma grosseria (*roughness*) admirável que preenche de orgulho as páginas do livro sempre que o autor a percebe em si mesmo. Essa visão de virilidade é explorada por Frederick Travis em sua biografia de Kennan, apontando que estes valores eram exaltados em cartas e por seus familiares como componentes importantes da visão de masculinidade esboçada e almejada pelo explorador.<sup>32</sup>

Não há, contudo, um desejo de *retornar* para um estado pré-civilizatório, pelo contrário - a expedição de Kennan é, por inteiro, um movimento “modernizante” e seu próprio livro encerra-se com conselhos para que se dê continuidade ao projeto.<sup>33</sup> É por este motivo que o episódio descrito após o jantar, com seu clamor bem-humorado por rostos sujos e o simulacro de um ambiente de acampamento é tão significativo: ele parece explicitar aquilo que o escritor deseja levar consigo deste “passado” por ele concebido - não a concretização da perdição na “selvageria”, mas sim uma metamorfose interior decorrente de seu risco. Kennan exprimia querer sentir que, após sua aventura, carregava consigo esta diferencial liberdade e este espírito bárbaro que tantos desconheciam, admiravam e ansiavam.

<sup>30</sup> NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*, p. 40-41. Sobre o antagonismo frente a natureza no pensamento ocidental, ver também WORSTER, Donald. *Nature's Economy*, p. 26 et seq.

<sup>31</sup> LÖWY, Michael, SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: O romantismo na contramão da modernidade*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 43.

<sup>32</sup> TRAVIS, Frederick F. *George Kennan*, p. 19-20. Sobre masculinidade no pensamento estadunidense sobre a fronteira, ver também CRONON, William. *The Trouble with Wilderness; or Getting Back to the Wrong Nature*. In: CRONON, William (ed.). *Uncommon Ground*. New York: W. W Norton & Company, 1996, , p. 77-78.

<sup>33</sup> KENNAN, George. *Tent Life in Siberia*, p. 423-424.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transitando na fronteira do que entendia como barbárie e civilização, Kennan manteve sua lealdade com esta, reservando àquela o papel mais singelo de uma fonte de lazer e aventura. Suas visões racializadas e sua fé nas virtudes da civilização ocidental fizeram aumentar as distâncias já longas entre sua vida urbana nos Estados Unidos e o território das tribos nômades de Kamtchatka: eram também temporais e biológicas, e não apenas espaciais. Entregar-se a vida selvagem não era desejável, esse modo de vida – enquanto ainda existisse – era mais adequado às raças primitivas que a civilização encontrava do que ao próprio homem ocidental. Por isso era necessário esforço e fortitude mental para não ceder às armadilhas deste mundo místico, sombrio e desmoralizante.

Evitá-las, como demonstrou a performance de Kennan no jantar do governador, era possível – a separação entre apreciar o selvagem e se tornar *um* selvagem está ao alcance do homem branco que deseja aventura. Não há dúvidas de que “*the good old free-and-easy style*” era uma imagem forte no pensamento dos Estados Unidos do século XIX – e o autor descreve como a conquistou para si, como recriou aquele espírito da fronteira mesmo do outro lado do Oceano Pacífico. Ele era um amante dos ideais estadunidenses de progresso e individualismo, e na Rússia viu uma oportunidade de explorar ambos.

**Recebido em: 06/05/2019**

**Aceito em: 29/09/2019**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRANTLINGER, Patrick. **Dark Vanishings**: Discourse on the Extinction of Primitive Races, 1800-1930. Ithaca: Cornell University Press, 2003.
- CRONON, William (ed.). **Uncommon Ground**: Rethinking the Human Place in Nature. New York: W. W Norton & Company, 1996.
- KENNAN, George. **Tent Life in Siberia** and adventures among the Koraks and other tribes in Kamtchatka and northern Asia. Nova Iorque: Putnam & Sons, 1881.



LÖWY, Michael, SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia**. O romantismo na contramão da modernidade. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. São Paulo: Bertrand Brasil, 2009.

NASH, Roderick Frazier. **Wilderness and the American Mind**. Fifth Edition. New Haven: Yale University Press, 2014.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

TRAVIS, Frederick F. **George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924**. Athens: Ohio University Press, 1990.

WORSTER, Donald. **Nature's Economy: a history of ecological ideas**. New York: Cambridge University Press, 1995.

